

HERNAN

DIAZ

# CONFIANÇA

intrinseca

# Confiança

Hernan Diaz

Tradução de Marcello Lino



Copyright TRUST© Hernan Diaz, 2022  
Publicado primeiro por Riverhead Books  
Direitos de tradução organizados por MB Agencia Literaria SL. e  
The Clegg Agency, Inc., USA.  
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

*Trust*

REVISÃO

Bárbara Morais

Eduardo Carneiro

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D538c

Diaz, Hernan, 1973-  
Confiança / Hernan Diaz ; tradução Marcello Lino. - 1. ed. -  
Rio de Janeiro Intrínseca, 2022.  
416 p. ; 23 cm.

Tradução de: Trust

ISBN 978-65-5560-431-3

ISBN 978-65-5560-590-7 [*c.i.*]

1. Ficção americana. I. Lino, Marcello. II. Título.

22-77997

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Anne, Elsa, Marina e Ana*

U M

Por ter desfrutado de quase todas as vantagens desde que nasceu, um dos poucos privilégios negados a Benjamin Rask foi o de uma ascensão heroica: a dele não era uma história de resiliência e perseverança ou o relato de um desejo inabalável forjando um destino de ouro para si mesmo a partir de pouco mais do que escórias. De acordo com o verso da Bíblia da família Rask, os ancestrais de seu pai migraram, em 1662, de Copenhague para Glasgow, onde deram início ao comércio de tabaco das Colônias. Ao longo do século seguinte, o negócio prosperou e se expandiu tanto, que parte da família se mudou para a América a fim de supervisionar melhor os fornecedores e controlar todos os aspectos da produção. Três gerações mais tarde, o pai de Benjamin, Solomon, comprou as cotas de todos os parentes e investidores externos. Dirigindo sozinho a empresa, ela continuou a prosperar e não demorou muito para que Solomon se tornasse um dos comerciantes de tabaco mais proeminentes da Costa Leste. Talvez fosse verdade que seu esto-

que provinha dos melhores fornecedores do continente, porém, mais do que a qualidade de sua mercadoria, a chave para o sucesso dele se baseava em sua capacidade de explorar um fato óbvio: havia, é claro, um lado epicurista no tabaco, mas a maioria dos homens fumava para poder conversar com outros homens. Solomon Rask era, portanto, um fornecedor não apenas dos mais finos charutos, cigarrilhas e fumos para cachimbo, mas também (e sobretudo) de excelente conversa e conexões políticas. Chegou ao auge do próprio negócio e manteve essa posição graças a sua sociabilidade e às amizades cultivadas na sala de fumantes, onde costumava ser visto compartilhando um de seus figurados com alguns de seus clientes mais distintos, entre os quais estavam Grover Cleveland, William Zachary Irving e John Pierpont Morgan.

No apogeu de seu sucesso, Solomon mandou construir um sobrado na West 17<sup>th</sup> Street, que ficou pronto bem a tempo do nascimento de Benjamin. Todavia, Solomon raramente era visto na residência da família em Nova York. O trabalho o levava de uma plantação a outra, e ele estava sempre supervisionando salas de enrola ou visitando sócios na Virgínia, na Carolina do Norte e no Caribe. Chegou a ser proprietário de uma pequena *hacienda* em Cuba, onde passava boa parte dos invernos. Boatos sobre sua vida na ilha estabeleceram sua reputação de aventureiro com certo gosto pelo exótico, o que era uma vantagem em seu ramo de negócios.

A sra. Wilhelmina Rask nunca pôs os pés na propriedade do marido em Cuba. Ela, igualmente, se ausentava de Nova York por longos períodos, partindo assim que Solomon voltava e hospedando-se nas casas de verão das amigas na margem leste do rio Hudson ou em seus bangalôs em Newport por estações inteiras. A única coisa perceptível que compartilhava com Solomon era a paixão por charutos, os quais fumava compulsivamente. Sendo essa uma fonte de prazer muito insólita para uma dama, ela só satisfazia a própria vontade em particular, na companhia das amigas. Mas isso não era problema, pois vivia rodeada

delas o tempo todo. Willie, como as pessoas próximas a chamavam, fazia parte de um coeso grupo de mulheres que parecia formar uma tribo nômade. Não eram apenas de Nova York, mas também de Washington, Filadélfia, Providence, Boston e até mesmo da longínqua Chicago. Moviam-se em bando, visitando as residências e casas de férias umas das outras de acordo com as estações — West 17<sup>th</sup> Street tornava-se a morada do grupo por alguns meses a partir do fim de setembro, quando Solomon partia para a sua *hacienda*. No entanto, a despeito da região do país em que as senhoras moravam, a panelinha se mantinha invariavelmente isolada em um círculo impenetrável.

Limitado, na maior parte do tempo, ao próprio aposento e aos de suas amas-secas, Benjamin tinha apenas uma vaga noção do restante do casarão no qual cresceu. Quando a mãe e as amigas estavam lá, ele era mantido distante dos cômodos onde elas fumavam, jogavam cartas e bebiam Sauternes noite adentro; quando elas partiam, os pavimentos principais se tornavam uma sucessão de janelas fechadas, móveis cobertos e lustres envoltos em panos. Todas as suas amas e governantas diziam que ele era uma criança exemplar, e todos os seus tutores concordavam com isso. Bons modos, inteligência e obediência jamais haviam se combinado com tanta harmonia quanto naquela criança de temperamento meigo. A única falha que seus primeiros mentores conseguiam achar após muito procurar era a relutância de Benjamin em se relacionar com outras crianças. Quando um dos tutores atribuiu a falta de amizades do pupilo ao medo, Solomon afastou essas preocupações, dizendo que o garoto estava apenas se tornando um homem independente.

Sua criação solitária não o preparou para o internato. Durante o primeiro período letivo, tornou-se o objeto de injúrias diárias e pequenas crueldades. Com o tempo, porém, os colegas de classe descobriram que sua indiferença fazia dele uma vítima insatisfatória e o deixaram em paz. Ele se mantinha isolado e se sobressaía, impassível, em todas



as matérias. Ao final de cada ano, após lhe conferir todas as honrarias e distinções disponíveis, os professores, infalivelmente, lembravam-no de que ele estava fadado a conquistar muitas glórias para a Academia.

Durante o último ano do colégio, seu pai faleceu de ataque cardíaco. Na cerimônia fúnebre, em Nova York, tanto os parentes quanto os conhecidos ficaram impressionados com a compostura de Benjamin, mas a verdade é que o luto apenas dera uma forma socialmente reconhecível às disposições naturais de seu caráter. Em uma mostra de grande precocidade que desconcertou os advogados e banqueiros do pai, o menino pediu para examinar o testamento e todas as demonstrações financeiras correlatas. O sr. Rask era um homem consciencioso e organizado, e o filho não contestou os documentos. Concluídos os assuntos e sabendo o que esperar ao atingir a idade adulta e receber sua herança, voltou a New Hampshire para terminar o colégio.

A mãe passou a breve viuvez com as amigas em Rhode Island. Partiu em maio, pouco antes da formatura de Benjamin, e, ao fim de setembro, já havia morrido de enfisema. A família e os amigos que compareceram àquelas segundas exéquias, muito mais comedidas, mal sabiam como falar com o jovem que se tornara órfão no intervalo de alguns meses. Felizmente, havia muitas questões práticas a serem discutidas — fundos fiduciários, executores testamentários e as contestações judiciais à partilha dos bens.

A experiência de Benjamin como estudante universitário foi um eco amplificado de seus anos no colégio. As mesmas inadequações e talentos estavam presentes, mas ele parecia ter adquirido uma espécie de orgulho frio em relação àquelas e um desdém silencioso em relação a estes. Alguns dos traços mais conspícuos de sua linhagem pareciam ter se encerrado em sua pessoa. Ele não poderia ter sido mais diferente do pai, que dominava todos os recintos em que entrava e fazia com que todos gravitassem a sua volta, e não tinha nada em comum com a mãe, que provavelmente jamais passara um dia sozinha. Essas discre-

pâncias em relação aos pais se tornaram ainda mais acentuadas após a formatura. Ele voltou de New Hampshire para a cidade e fracassou naquilo em que a maioria de seus conhecidos prosperava — era um atleta inepto, um sócio apático dos clubes, um bebedor sem entusiasmo, um apostador indiferente, um amante morno. Logo ele, que devia sua fortuna ao tabaco, nem sequer fumava. Aqueles que o acusavam de ser demasiadamente frugal não conseguiam entender que, na verdade, ele não tinha apetites a reprimir.

Mesmo em meio ao caos e à efervescência dos loucos anos 1920, não há em Nova York quem não tenha ouvido falar do casal Benjamin e Helen Rask. Envoltos em uma aura de mistério e reverência, o lendário magnata de Wall Street e a herdeira de uma excêntrica linhagem aristocrática chegaram, juntos, ao topo de um mundo onde a riqueza parece não ter fim. A velocidade com que cada número registrado pelo teletipo é lido, interpretado e convertido em lucro por Benjamin parece absurda, irreal. A montanha de capital acumulado e o talento com que ele a ergueu, no entanto, causam inquietação na sociedade e muitas especulações sobre a capacidade de Rask prever cada próximo passo do mercado de ações.

É nesse contexto que o casal Rask protagoniza um romance que supostamente disseca as verdades por trás do magnata, seu império e suas relações pessoais — e que, além disso, causa um grande escândalo no coração financeiro dos Estados Unidos. Mas, ao longo das décadas, outras versões dessa história vêm à tona: um manuscrito, memórias de uma pessoa ligada ao casal e um diário perdido. Tudo que até então parecia consolidado como fato é questionado. Afinal, se a verdade sempre resulta da soma das faces de uma pirâmide, *Confiança* é a prova de que mesmo a mais sólida e monumental delas é frágil em um solo de areia. Entre tantas versões e pontos de vista, em qual acreditar?

Caleidoscópico, o novo romance do finalista do Pulitzer Hernan Diaz é um *tour de force* que se desenrola ao longo de um século, um confronto contundente com os enganos que muitas vezes se escondem no âmago dos pactos pessoais e financeiros. Suas quatro vozes ora ampliam, ora recusam os limites entre fato e ficção, ilustrando a facilidade com que o poder é capaz de a tudo manipular.

---

**SAIBA MAIS:**

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1208/>